

Reduto

Adler Homero Fonseca de Castro¹

O termo *reduto* tem sua origem no latim *reductos*, significando originalmente “refúgio, abrigo, recinto”; pelo menos, um dicionário etimológico, informa que a origem da palavra, com esse sentido, é do século XVIII (CUNHA, 1982). De fato, o sentido de refúgio foi incorporado à linguagem popular com esse significado, quando, por exemplo, falamos de “reduto de traficantes”, um esconderijo de criminosos. Pode também significar um local habitual de encontro de um grupo, como um “reduto de sambistas” ou de “boêmios”.

No entanto, o uso da palavra *reduto* em português antecede o século XVIII. Já no século anterior, tinha se tornado comum na literatura militar: por exemplo, o donatário da capitania de Pernambuco, em seu livro *Memórias diárias*, sobre uma fase das Guerras Holandesas, referente ao período de 1630 a 1638, menciona dezenas de vezes a palavra, esse tipo de obra também aparece em várias ilustrações da época.



Gravura da obra de Laet sobre a tomada do Arraial Velho do Bom Jesus, 1635, na atual Recife. Os holandeses construíram cinco redutos (ilustrados com as letras “B”, “C”, “D”, “E” e “G”) durante o cerco ao forte português, marcado com a letra “A”. Os vestígios arqueológicos do Arraial Velho foram tombados pelo IPHAN como parte do conjunto paisagístico do Sítio da Trindade, Processo 487-T-53, inscrito, em 17 de junho de 1974, no Livro Histórico (LAET, 1925).

¹Graduado em história (UERJ), mestre em História Social (PPGH/UFF), doutorando em História Comparada (PPGHC/UFRJ). Pesquisador do IPHAN, do Centro de Pesquisa de História Militar do Exército (CEPHiMEx), sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, conselheiro do Museu de Armas Históricas Ferreira da Cunha (MAHFC) e Curador de Armas portáteis do Museu Militar Conde de Linhares (MMCL).

Embora o capitão hereditário tenha usado o termo reduto, as construções mencionadas por ele não podem ser consideradas como abrigos ou refúgio, pois se tratam de obras de arquitetura militar, normalmente “de campanha”, isto é, construções temporárias, feitas de madeira ou terra escavada, como eram as trincheiras, mas, ao contrário dessas, podiam ser também permanentes, de alvenaria.

Como definido por um dicionário especializado, o reduto: “é a mais simples e frequentemente [obra fechada] empregada na fortificação de uma posição; é um polígono regular ordinariamente e não raro um quadrado” (ALBUQUERQUE, 1911), não tendo nenhuma obra de flanqueamento, ou seja, locais de onde um defensor podia disparar contra um atacante que se localizasse na base de seus muros. Não tendo flanqueamento, o reduto dependia do fogo de outras posições para impedir que um atacante se alojasse na base de suas muralhas. Normalmente era construído como obra de apoio a outras fortificações, “reforçando um ponto fraco da linha de batalha, defendendo uma passagem e em várias outras aplicações” (ALBUQUERQUE, 1911). Podia ser também uma fortificação de ataque, como no caso do Arraial do Bom Jesus, ilustrado acima.

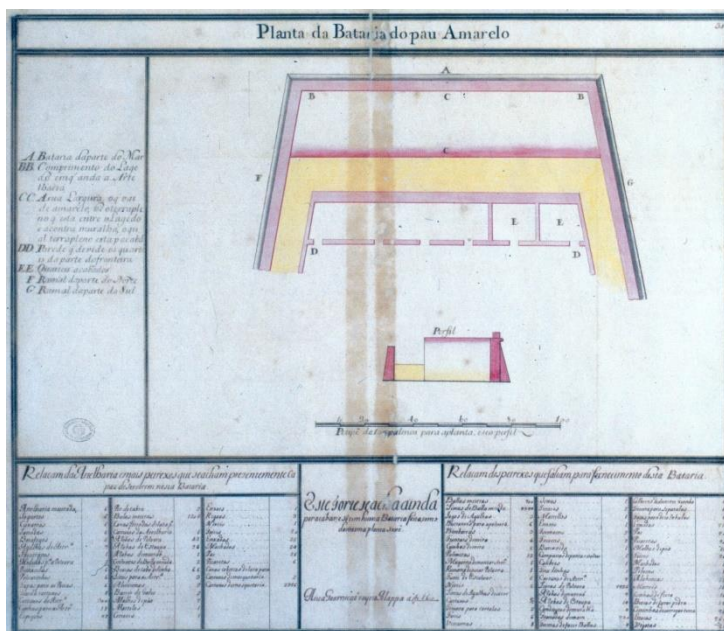
Complementarmente, o reduto, normalmente, era uma obra em que os canhões disparavam apenas para um lado, aquele que se julgava o mais arriscado. Também era uma obra fortificada que não devia ser defendida de forma isolada por períodos prolongados, por isso não tinha estruturas internas para quartéis ou depósitos para uma guarnição.

Outro sentido que podia ser dado ao reduto como obra de arquitetura militar era o de ponto central de resistência de uma fortificação em caso de uma emergência, aproximando-se, nesse sentido, da definição dos dicionários não especializados do que seria refúgio ou abrigo.

Em termos históricos, por ser uma obra muito simples, foi comum no Brasil – os holandeses foram muito prolíficos na construção desse tipo de fortificação, tendo erguido muitas delas durante sua estadia no Nordeste. Por sua vez, dentro da política defensiva portuguesa para o país, o reduto era uma obra particularmente atraente, pois aqui as comunidades tinham grande autonomia para a construção de fortificações, pagando por sua edificação e as guarnecendo, por não haver engenheiros que pudessem desenhar obras mais eficazes ou permanentes. Assim, ficou famoso o caso do “reduto do Tejucupaco”; na verdade, um forte muito pequeno, de 540 m², que serviu de refúgio para a população contra os batavos – um ataque foi repellido, pois, como escreveu um

autor holandês da época, “acudiram as mulheres, e com dardos e lanças lhes impediram a entrada” (NIEUHOF, 1981). Essa pequena obra, de terra, chamada de reduto na época, talvez por ter servido de abrigo à população, sobreviveu até os dias de hoje, sendo um sítio arqueológico registrado pelo IPHAN.

Hoje em dia o IPHAN não tem nenhum bem tombado como reduto. Em parte, a razão disso é que essas construções normalmente eram provisórias, feitas de terra, usualmente não sobrevivendo até os dias de hoje. Entretanto, a posição que, de forma muito exagerada, é chamada de “fortaleza” do Pau Amarelo, no município de Paulista, PE (Processo 155-T-38, inscrito, em 24 de maio de 1938, nos livros do Tombo de Belas Artes e Histórico), é um “meio-reduto”, uma obra aberta que tinha a forma geral e as funções de um reduto. A classificação mais correta para esse bem seria, contudo, a de bateria, pois tinha quartéis e paióis.



Forte do Pau Amarelo, Paulista, PE, planta do Arquivo Ultramarino. Esta fortificação, corretamente chamada de “bateria” na planta, também poderia ser classificada como um “meio reduto”, por ter sua parte posterior aberta, não defendida. Contudo, tem um pequeno quartel, o que não é normal nos redutos. Fonte: Arquivo Ultramarino

Outro exemplar tombado é o “forte” de São Francisco, também conhecido como “do Queijo” (Processo 1077-T-83, inscrito, em 29 de maio de 1984, no Livro do Tombo Histórico). Inicialmente erguido em 1620, a estrutura atual, aparentemente, data de 1704 (CASTRO, 2015) e foi construída em alvenaria de pedra, com a forma de um pequeno quadrado, no qual só cabiam três canhões apontando para o mar, sem outras estruturas internas. Um perfeito exemplo de um reduto.

Fontes consultadas:

ALBUQUERQUE, Caetano M. de F. e. *Dicionário técnico militar de terra*. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, 1911.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. *Armas. Muralhas de pedra, canhões de bronze, homens de ferro: fortificações do Brasil, 1503-2006*. 3º vol. Rio de Janeiro: FUNCEB, 2015.

COELHO, Duarte de Albuquerque. *Memórias diárias da Guerra do Brasil*. Madrid: Diego Diaz de la Carrera, 1654.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LAET, Joannes de. *História ou Anais dos feitos da Companhia privilegiada das Índias Ocidentais*. v. II. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1925.

NIEUHOF, Joan. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

Como citar: CASTRO, Adler Homero Fonseca de. Reduto. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.